



PREFEITURA DE

CAMPOS

SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA

 **Mais
Ciência**

Banco comunitário de sementes

Orientador: Simone da Conceição Silva

Bolsista: Juliana Constantino do Rosário

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

2020



SUMÁRIO

RESUMO	3
APRESENTAÇÃO DO PROJETO	4
INTRODUÇÃO	7
DESENVOLVIMENTO	10
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
BIBLIOGRAFIAS	36

“Entendemos o campesinato como uma classe social e não apenas como um setor da economia, uma forma de organização da produção ou um modo de vida simplesmente.” Mônica de Moura Barbosa

RESUMO

Este projeto foi realizado em parceria com o Fundo de Desenvolvimento de Campos (FUNDECAM), no período de agosto de 2019 a agosto de 2020. O intuito dessa pesquisa extensionista é auxiliar pequenos agricultores e agricultoras no desenvolvimento e na implementação de bancos comunitários de sementes crioulas no assentamento Oziel Alves situado no município de Campos dos Goytacazes. Na primeira fase identificamos como ocorre a circulação das sementes: compra, venda, herança, doação; e qual a relação de reciprocidade estabelecida pelos assentados sobre a questão da troca de sementes; buscamos identificar bancos ativos e extintos na região e outras tentativas de implementação de um banco de sementes no município. Em virtude da pandemia do coronavírus, não foi possível realizar o trabalho presencial, dessa forma o plano de pesquisa foi ajustado para análise dos dados a partir do survey que realizamos nos primeiros seis meses da pesquisa. Através dos dados obtidos no referido assentamento, foi possível constatar quais são os produtos mais cultivados pelos agricultores, quais deles são comercializados, quem tem sementes no assentamento, quais sementes são consideradas melhores para o cultivo e, principalmente, constatamos que 100% dos assentados entrevistados possuem interesse de organizar o Banco Comunitário de Sementes.

Palavras-chave: banco comunitário de sementes, casas comunitárias de sementes, agricultura familiar, sementes crioulas, soberania alimentar, roça comunitária.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

A presente pesquisa tem como tema principal Banco Comunitário de Sementes. O objetivo deste projeto do NuERS¹ é justamente desenvolver soluções inovadoras e tecnológicas para agricultura, a partir da cadeia produtiva dos alimentos, com foco especial na circulação e armazenamento das sementes. Para tal, o núcleo vem produzindo diagnósticos dos modos de produção dos assentamentos no município de Campos dos Goytacazes, a fim de efetivar a implementação de um banco comunitário de sementes. Esse trabalho teve início no primeiro semestre de 2018, quando traçamos como objetivo inicial mapear os bancos ativos e extintos no município, tal como indicado nos documentos disponibilizados no site da PESAGRO-RIO.

Em virtude desse mapeamento, foi possível identificar que a implementação de bancos comunitários de sementes no município de Campos dos Goytacazes, diferentemente de outros lugares do país, foi motivada por iniciativa governamental. Um dos resultados alcançados no primeiro ano do projeto foi o de constatar que os bancos implementados por iniciativa do governo não foram consolidados e/ou tiveram uma vida útil pouco expressiva para a agricultura familiar do município. Com apoio da bibliografia, trabalho de campo e com entrevistas semiestruturadas, conseguimos também identificar as possíveis questões envolvidas no insucesso dessa iniciativa em Campos.

A fundamentação bibliográfica da pesquisa vem sendo elaborada durante esses dois anos de trabalho. Nossa referência principal é o trabalho da Garofolo (2017), no qual a engenheira agrônoma trabalha o BCSs a partir do conceito de confiança, sendo este a base de êxito do funcionamento do banco comunitário de sementes. A partir de leituras coletivas e individuais,

observamos que diversos estudos sobre agricultura familiar inclinam-se sobre assuntos como: a divisão sexual do trabalho, soberania alimentar, relações de reciprocidade, sustentabilidade e redes de cooperação no campo, isto é, a implementação de um banco comunitário de sementes passa especialmente pela compreensão de como essas questões estão dadas nos assentamentos de Campos.

A metodologia adotada para a segunda fase do projeto foi a pesquisa quantitativa em Ciências Sociais. Como método, a análise primária de dados se inscreve no campo da pesquisa de survey, um tipo particular de pesquisa social empírica que se baseia no registro quantitativo de informações. O trabalho de coleta de dados ocorreu de junho de 2019 a outubro de 2019. Os questionários aplicados são compostos tanto por dados quantitativos, quanto por dados qualitativos. Sendo o método qualitativo utilizado na coleta de “percepções e entendimentos sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação.” (BARBOSA, 2014, p.14). Através desses métodos coletamos as informações centrais para o banco de dados criado pelo núcleo.

“A abordagem quantitativa é complementar á (sic) qualitativa. Os dados quantitativos serão coletados por meio da aplicação de questionários semiabertos. Em relação aos dados quantitativos irão se destacar (quais os tipos de sementes utilizadas, produção, técnicas de manejo utilizadas, infraestrutura das casas) e qualitativos (percepções das famílias, sobre a área de estudo, relação das mulheres com as sementes, história da casa, como selecionam, dentre outros aspectos mais subjetivos).” (BARBOSA, 2014, p.14)

A população alvo da pesquisa são grupos de agricultores assentados; o trabalho não envolveu a seleção de uma amostragem, mas a delimitação de um público alvo: inicialmente,

pequenos agricultores dos assentamentos Zumbi dos Palmares e Oziel Alves, ambos situados no município de Campos dos Goytacazes.

A equipe foi dividida em dois grupos, um para ir ao assentamento Zumbi dos Palmares e o outro para ir ao Oziel Alves, ao todo foram 39 questionários aplicados, sendo 12 no Zumbi dos Palmares e 27 no Oziel Alves. No entanto, no segundo semestre do ano de 2019, nós enfrentamos alguns impasses para manter a aplicação dos questionários no assentamento Zumbi dos Palmares, devido à dificuldade com o transporte para chegarmos até lá e nos locomovermos entre as casas. Em função desse problema, dedicamos o segundo semestre exclusivamente ao assentamento Oziel Alves, onde foi possível abranger aproximadamente 82% da população. Segundo os dados do INCRA, o assentamento conta com 33 famílias assentadas, e nós conseguimos que 27 famílias respondessem aos questionários e fornecessem os dados obtidos até o momento da pesquisa, ao total, foram 6 idas ao assentamento Oziel Alves.

A terceira etapa do projeto aconteceria de forma inteiramente presencial no assentamento seguindo a estratégia de reunir os assentados em reuniões organizadas a partir de oficinas, junto à Associação de Moradores para iniciar com eles o trabalho de desenvolvimento e de implementação da ação. O fundamento das reuniões são para: apresentar as iniciativas de bancos comunitários existentes em outras regiões do país, por exemplo, no norte e no nordeste; apresentar, por meio de material audiovisual, bancos existentes em países vizinhos; apresentar as etapas para a implementação do banco, auxiliar o grupo no desenvolvimento da cartilha do banco e de seu regimento; identificar as sementes com os pesquisadores colaboradores da UENF

da área de engenharia agrônoma - Produção Vegetal; reunir as sementes e preparar a implementação do banco; averiguar o espaço físico para o banco.

Em decorrência da COVID-19, nosso trabalho vem sendo feito de forma remota. Estamos trabalhando em cima do nosso banco de dados elaborado no semestre passado. Além disso, aproveitamos para atualizar o conjunto bibliográfico a partir de um novo levantamento de modo a auxiliar ainda mais a nossa pesquisa. Por meio das leituras realizadas coletiva e individualmente durante esse período, observamos que diversos estudos sobre agricultura familiar inclinam-se

1 Núcleo de Estudos Rurais, coordenado pela professora Simone da Conceição Silva na Universidade Federal Fluminense

sobre assuntos como: a divisão sexual do trabalho, soberania alimentar, relações de reciprocidade, sustentabilidade e redes de cooperação no campo, isto é, a implementação de um banco comunitário de sementes passa especialmente pela compreensão de como essas questões estão dadas nos assentamentos de Campos.

INTRODUÇÃO

O surgimento da agroecologia se dá através das interações entre as famílias camponesas. A fim de romper com modelos hegemônicos de produção, as famílias buscam estratégias de desenvolvimento ecológico e sustentável. Em contribuição, a agroecologia garante autonomia às famílias, fortalecendo sua relação com a natureza, e impulsionando para a criação de casas comunitárias de sementes comunitárias, que é uma prática muito importante para a conservação

de sementes crioulas e para a manutenção da agrobiodiversidade e sociocultural das comunidades e dos povos (BARBOSA, 2014).

Salienta-se que, o cultivo das variedades crioulas como uma prática doméstica, advém de um processo de melhoramento vegetal, realizado desde a década de 50, cujas famílias camponesas buscavam selecionar os genótipos mais adequados para sua terra, este processo assegura que as sementes crioulas se aperfeiçoem de forma natural, dando ao agricultor a segurança de um alimento livre de modificação genética (GOFI, 2017).

Consequentemente, o agricultor guarda as sementes de uma safra para outra, sem precisar comprar novas sementes, as quais muitas vezes são modificadas. Além disso, o agricultor pode trocar e/ou comercializar com outros agricultores suas sementes (GOFI, 2017).

“Um conjunto de práticas e valores que remetem a uma ordem moral que tem como valores nucleantes a família, o trabalho e a terra. Trata-se de um modo de vida tradicional, constituído a partir de relações pessoais e imediatas, estruturadas em torno da família e de vínculos de solidariedade, informados pela linguagem de parentesco, tendo como unidade social básica a comunidade.” (MARQUES, 2002, p.30 apud BARBOSA, 2014, p.31).

É importante reconhecer que essas interações do homem com outros homens, do homem com a natureza, do homem com os outros seres vivos e com o meio ambiente estrutura-se a partir de um ponto de vista “paradigmático”, pois une diferentes saberes e conhecimentos científicos. Mais do que isso, a agroecologia constrói conhecimentos e alternativas tecnológicas que apoiam os processos de transformações rumo à sustentabilidade. (BARBOSA, 2014)

Os Bancos Comunitários de Sementes (BCSs), chamados também de casas comunitárias de semente, são organizados e mantidos, em geral, por grupos de pequenos agricultores que se associam voluntariamente de modo a selecionar, multiplicar, armazenar, em alguns casos por muitas gerações sementes para uso coletivo. Os BCSs têm o princípio da guarda e da multiplicação de sementes, da mesma forma que os bancos comuns guardam e multiplicam o dinheiro, entretanto, operam a partir da confiança e dos laços de afinidade e de parentesco, tendo a semente como sua moeda corrente. Mais do que o estoque e empréstimo de sementes, essas organizações promovem espaços de sociabilidade, troca de informações e resgate de conhecimentos entre camponeses (GAROFALO, 2017).

O projeto tem como principal objetivo desenvolver soluções inovadoras e tecnológicas para agricultura, a partir da cadeia produtiva dos alimentos com foco especial na circulação e armazenamento das sementes, mapeamento da rede de troca e armazenagem de sementes crioulas. Segundo OLANDA (2015), as sementes crioulas preservam não só a diversidade biológica, com base genética ampla, mas as diferentes espécies/variedades crioulas manejadas pelas famílias camponesas atendem, principalmente, às necessidades específicas de hábitos alimentares, adequadas às suas condições, fazendo parte de um sistema complexo, que se mantém em reprodução e tem se mostrado como uma garantia para a soberania alimentar.

“A soberania alimentar atribui também uma grande importância à preservação da cultura e aos hábitos alimentares de um país. Os conceitos de soberania alimentar remetem a um amplo conjunto de relações, com destaque para o direito dos povos de definir sua política agrária e alimentar, garantindo assim o abastecimento de suas populações, a preservação do meio ambiente visando a busca por uma sociedade mais sustentável e a proteção de sua produção

frente à concorrência com países mais capitalizados.” (MEIRELLES, 2004 apud BARBOSA, 2014, p. 35)

Para tanto, a produção rural em Campos não garante a sustentabilidade das famílias; alguns entrevistados reclamam do alto custo das sementes, o que onera a comercialização de seus produtos, pois precisam separar - semanal, mensal, ou anualmente - uma quantia de dinheiro para garantir a reposição de suas sementes. Apesar disso, é importante identificar a soberania alimentar como um direito dos agricultores, cabe a eles criarem suas próprias regras e estratégias de sustentabilidade. Inclusive, também é direito dos agricultores desenvolver um sistema de produção e comercialização de alimentos que possa abastecer os mercados locais e regionais. (BARBOSA, 2014).

“A soberania alimentar favorece a soberania econômica, política e cultural dos povos. Defender a soberania alimentar é reconhecer uma agricultura com camponeses, indígenas e comunidades pesqueiras, vinculadas ao território; prioritariamente orientada a satisfação das necessidades dos mercados locais e nacionais.” (BARBOSA, 2014, p.34)

Certifica-se então que a “soberania alimentar pode constituir um novo paradigma agroalimentar, que esteja baseado na implementação do direito à alimentação; no acesso aos recursos; numa produção sustentável, com prioridade aos mercados e circuitos de comercialização local, propondo resolver o problema da escassez de alimentos.” (BARBOSA, 2014, p.35)

DESENVOLVIMENTO

Em primeiro lugar, é importante destacar a dificuldade que enfrentamos com os transportes públicos destinados ao Oziel Alves. Identificamos que para chegar ao assentamento

saindo do centro de Campos, é necessário pegar um ônibus específico na Beira Valão que faz integração com as vans que passam na estrada de Cambaíba, consequentemente, pela área externa do assentamento. Ambos os transportes não disponibilizam horários fixos de suas rotas, o que dificulta na hora de realizar a baldeação entre um e outro, uma vez que há um horário determinado para não ser descontado duas passagens em um Rio-card, por exemplo. Os motoristas das vans relatam que não há um horário definido para realizar o trajeto, eles adiantam a viagem quando as vagas são preenchidas e atrasam quando ainda há espaço para mais passageiros. Outros fatores que dificultam o acesso ao assentamento, são as estradas com falta de manutenção e obras. Nos foi relatado que há muitos buracos e que em dias de chuva, a pista fica com muita lama e escorregadia. Dessa forma, os motoristas interrompem o tráfego das vans sob a justificativa de que há poucos passageiros, não sendo vantajoso fazer o trajeto. Ademais, verificamos a falta de sinalização indicando o local, o que causa hostilidade ao acesso quando é solicitado transportes particulares.

Apesar desses impasses, realizamos as visitas no assentamento por meio do transporte disponibilizado pela universidade, porém desde o segundo semestre de 2019, em decorrência dos cortes, em especial, aqueles oriundos da PEC 55 (2016) que congelou os gastos públicos por 20 anos, e das demais restrições orçamentárias impostas pelo governo federal, a UFF, ao lado das demais universidades federais e estaduais, têm sofrido com a falta de verba para custeio de necessidades básicas, por exemplo, a manutenção do transporte institucional, a falta de combustível e a redução do número de funcionários (motorista), o que nos impossibilitaram de aplicar a totalidade dos questionários. A equipe realizou 6 idas ao assentamento e conseguimos uma quantidade excelente de questionários respondidos, abrangendo 27 das 33 famílias do local.

Com o trabalho sendo realizado de forma remota, estamos debruçados sobre as teses e dissertações presentes no nosso levantamento bibliográfico. Um outro objetivo gerado para essa etapa do projeto era estabelecer parcerias com profissionais da área de agronomia, o que foi possível realizar virtualmente. Atualmente o núcleo está em contato com um agente experiente em sementes da ANA (Articulação Nacional de Agroecologia), também sondamos especialistas da área de produção vegetal e da engenharia agrônoma da UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro), satisfatoriamente, conseguimos duas parcerias que vão compor a equipe, agora multidisciplinar.

Adiante, nos aprofundamos nas leituras bibliográficas e foi possível observar que os diversos estudos sobre agricultura familiar inclinam-se sobre os seguintes temas: divisão sexual do trabalho, soberania alimentar, relações de reciprocidade, sustentabilidade e redes de cooperação no campo; o processo de implementação de um banco comunitário de sementes passa especialmente por essas questões. Através dos estudos realizados no assentamento compreendemos que como esses temas estão relacionados ao modo de vida dos assentados.

A partir da perspectiva dos estudos de gênero, entendemos que o conhecimento que as mulheres camponesas têm está relacionado com a sua relação com a natureza, de modo a fazer dos processos a maior contribuição para agricultura familiar. Essa relação é pautada na conservação e domesticação de várias espécies. Brevemente, embora haja poucos estudos que abordam a relação da mulher com as sementes crioulas, vale salientar que o estudo a partir da perspectiva de gênero é uma categoria analítica que auxilia no desvendamento e nas diferenças

entre as relações de poder que se estabelecem entre o masculino e o feminino construídos culturalmente, que dão significado e organização na vida social (BARBOSA, 2014)

“Gênero surge a partir da ideia que o feminino e o masculino não são apenas condições naturais ou biológicas, mas uma construção sociocultural. Segundo essa abordagem, não são as características sexuais, mas a forma como são representadas e valorizadas é que vão constituir o que é masculino e o que é feminino em uma determinada sociedade e momento histórico.” (FISCHER, 2006, p.41 apud BARBOSA, 2014, p. 36)

Considerando a divisão sexual do trabalho sob a perspectiva do senso comum, as atividades como: serviços domésticos, cuidados, educação dos filhos, são construídas culturalmente como femininas e “reservadas” ao ambiente privado, já os homens são atribuídos às atividades externas e no ambiente público. O que quer dizer que cada um está desempenhando “suas” respectivas atividades devidamente hierarquizadas (LANGBECKER, 2016, p.31). Sob a análise dos dados obtidos, o grupo de entrevistados é composto por 27 agricultores assentados, sendo aproximadamente 70% desse total formado por homens e 30% por mulheres, como mostrado na tabela 1.

Tabela 1: - Perfil dos entrevistados por sexo/gênero

Sexo/Gênero	Quantidade
Homens	19
Mulheres	8
Total	27

Fonte: Elaborada pela equipe do projeto a partir dos dados coletados na pesquisa, 2019.

No Brasil, metade da população rural é composta por mulheres. São aproximadamente 15 milhões de mulheres presentes no campo, entretanto, muitas delas não possuem acesso aos direitos básicos, tais como: saúde e educação. As mais jovens são as mais afetadas pelos processos migratórios de território e a maioria delas não contam com o devido reconhecimento da sua condição camponesa. (BARBOSA, 2014)

“No campo a presença das mulheres é marcada pela divisão sexual do trabalho e pelas relações patriarcais. Isso fez prevalecer análises a partir do lugar das mulheres nas relações familiares, em geral focando no seu papel de mães, esposas e donas de casa. As relações patriarcais no campo fazem com que a família seja compreendida como um todo homogêneo em que o homem representa os interesses do conjunto e detêm o poder de decisão.” (BARBOSA, 2014, p.37)

Apesar de haver mais mulheres do que homens no espaço rural, no Oziel Alves poucas mulheres quiseram responder os questionários, alegavam que eram os seus companheiros que cuidavam da roça da família e, por esse motivo, não poderiam ou saberiam responder. Isso pode ser explicado com a falta de reconhecimento que elas enfrentam perante o trabalho agrícola, com a subordinação e por elas assumirem o gerenciamento do grupo familiar, sendo responsável pela alimentação e bem estar do grupo. É importante ressaltar que as mulheres dificilmente são reconhecidas como camponesas e possuem autonomia do roçado da família. O mérito do trabalho realizado está nas mãos dos homens. (BARBOSA, 2014). Para exemplificar essa observação, temos o caso de uma entrevistada que cuidava da roça de seu pai que estava doente, e ao pedirmos informações sobre sua roça, ela pediu para que o seu esposo respondesse os questionários, pois era ele que cuidava das plantações e dos animais e ela “apenas” produzia queijos e doces de compotas para incrementar a renda da família.

Sob o prisma da guarda de sementes crioulas, compreende-se que as famílias guardiãs consideram essa prática como “tradição”, “costume”, “mania”, ou “porque gosta”; são justificativas que reforçam as relações entre o guardião e a semente crioula. Por sua vez, as sementes crioulas, também chamadas de sementes tradicionais, são sementes que carregam um valor familiar e de soberania alimentar, são perpassadas como herança familiar e preservam o meio ambiente, pois não sofreram modificações químicas. No gráfico 1 vemos que o número de pessoas que realizam essa cultura é bem pequeno comparado a totalidade de agricultores no assentamento.

Gráfico 1: Guardiã(õ) de sementes crioulas

Resposta	Quantidade
Sim	4
Não	23

Fonte: Elaborada pela equipe do projeto a partir dos dados coletados na pesquisa, 2019.

A conservação das sementes crioulas se associa ao compartilhamento de conhecimentos, práticas e crenças, estabelecendo redes e parcerias na busca de soluções para suas próprias demandas. Desse modo, os elementos sociais, políticos, econômicos e culturais são envolvidos nas práticas de conservação (PEREIRA, 2017, p.8). Além disso, a semente é a matéria-prima da cadeia de produção de alimentos. Nesse viés, “a utilização de sementes e mudas adequadas à produção orgânica pode ser compreendida como, mais que uma questão legal ou filosófica, uma

estratégia técnica para obter resultados mais satisfatórios na produção orgânica.” (PARRA FILHO, 2015, p.15)

Ainda na perspectiva de Parra Filho (2015), os Bancos Comunitários de Sementes são mais do que um estoque de sementes para os agricultores locais, eles servem como uma forma de preservar a agrobiodiversidade, “pois proporcionam a conservação de variedades locais junto aos agricultores.”. (PARRA FILHO, 2015, p.23). Essa forma de conservação é chamada de “on farm” ou “in situ” pois, em determinado período, as plantas são submetidas à atividade das condições climáticas, como no processo evolutivo natural. Bem como no trabalho de Gofi, no qual a autora também considera o BCSs como uma forma de conservação de sementes in situ. Nas palavras da autora, a conservação *in situ*

tende a deixar espécies no seu habitat natural, criando adaptações e evolução constantes, sendo aplicadas estas ferramentas em conservação da agrobiodiversidade na conservação de espécies, onde manter o sistema de cultivo seria um incentivo para manter o manejo humano por meio do qual a diversidade genética foi gerada ou foi domesticada. (GOFI, 2017, p. 44)

Contudo, tem-se a conservação de biodiversidade agrícola como um valor para a segurança alimentar global, pois o método in situ on farm garante benefícios e mantém o uso das sementes para o sustento das famílias rurais. Uma grande quantidade de países subdesenvolvidos já mostram que os agricultores vêm praticando a conservação de sementes, são práticas que fazem parte de um sistema agrícola tradicional, sendo realizada há séculos pelos povos. No entanto, para sua manutenção requer algum nível de institucionalização e integração, para que, além de um saber tradicional, os agricultores saibam identificar a eficácia da semente; a qualidade do solo e da água; o tempo certo para plantar, colher e armazenar as sementes.

Outrossim, as etapas que promovem a conservação de sementes, consistem em vários processos, cada um sendo um conjunto de práticas para fortalecer o papel da comunidade em prol de unir esforços de conservação das mesmas. (STHAPIT et al., 2005 apud SILVA, 2018, p.22).

O Sistema Nacional de Sementes é composto pelo Sistema Formal, Sistemas Locais (ou informais) e Pesquisa Agrícola. Os setores têm como objetivo atender ao mercado formal ou informal, compreendendo que o sistema local ou informal é operado pelos agricultores familiares e comunidades tradicionais visando o auto abastecimento e a produção de sementes próprias. Portanto, estão centralizados no uso de conservação dos recursos genéticos da agrobiodiversidade. Quanto a pesquisa agrícola, foi criada pelo setor privado com o intuito de desenvolver o melhoramento vegetal, sendo uma prática que pretende garantir o lucro, já os sistemas dos agricultores buscam uma relação maior com a natureza no sentido de preservá-la (PARRA FILHO, 2015).

“Também deve-se levar em consideração que, com a aquisição de sementes comerciais para cultivo, os agricultores por vezes pelas características do material genético não conseguem efetuar o replantio das sementes que compraram, nas safras posteriores, ou seja, a cada cultivo tem de adquirir outra semente certificada e pagar o valor equivalente do mercado pelos royalties” (ALMEIDA; MASSARANI, 2011 apud SILVA, 2018)

A partir do século XIX, a agricultura vem sofrendo grandes transformações. Se, por um lado, fatores como a inserção de maquinários, a utilização de fertilizantes químicos e a industrialização das sementes proporcionaram o aumento da produção de alimentos e a lucratividade das atividades agrícolas, por outro, estes também colaboraram para o desenvolvimento problemas sociais e ambientais. Com a industrialização das sementes, por

exemplo, foram criadas leis para regulamentar a circulação das variedades produzidas em laboratório, de modo a assegurar o direito de propriedade intelectual dos melhoristas. Tais leis impõem, para a circulação legal de uma variedade de sementes, o registro e a certificação. E para que sejam registradas e certificadas, as sementes precisam estar dentro dos padrões estabelecidos pela UPOV: distinção, uniformidade e estabilidade genéticas (FUCK et al, 2008)

Entretanto, isto colide justamente com a principal característica das sementes crioulas: a variabilidade genética. Dessa forma, por não se encaixarem nos requisitos de uniformidade e estabilidade exigidos pelos regulamentos da UPOV, as sementes crioulas são desqualificadas e sua circulação é impedida, bem como são criminalizados aqueles que as utilizam (Via Campesina, 2015).

Em decorrência do processo de industrialização, constatou-se, então, que de 27 entrevistados, 19 optam pela compra de sementes, em contrapartida, muitos deles reclamaram do custo alto praticado pelo mercado, o que onera demasiadamente o orçamento familiar. Para livrar-se dessa situação, alguns agricultores compram legumes e retiram suas sementes. É o que fazem alguns para obter a semente de abóbora, por exemplo. Vejamos o gráfico 2.

Gráfico 2: Origem das sementes

Origem	Quantidade
Cultivo	7
Comercial	19
Outro	3

Fonte: Elaborada pela equipe do projeto a partir dos dados coletados na pesquisa, 2019.

Como mostrado no gráfico 2 o número de agricultores que compram sementes é maior do que o número dos que as cultivam, com isso, é interessante observar como é feita a armazenagem de sementes. Essa questão nos foi apresentada por meio da bibliografia, identificada como uma prática social e vinculada à tradição familiar na qual “as sementes são passadas de pai para filho, como (...) herança” (GOFI, 2017, p. 43). Por meio das entrevistas quantitativas, constatamos que 88% dos agricultores realizam a prática de armazenamento.

No que se refere aos problemas de armazenamento, entra a questão e de recipientes adequados e inadequados que servem tanto para preservar as sementes, quanto para controlar insetos e pragas, também minimizam as deficiências encontradas. Para um banco de sementes é essencial que as sementes sejam reconhecidas pela sua qualidade e eficiência, pois havendo falta de qualidade, os agricultores não terão confiança tanto para depositar, quanto para fazer empréstimos, pois é possível que a baixa qualidade da semente comprometa a produção do seu cultivo (CORDEIRO e FARIAS, 1993 apud QUEIROGA, SILVA, ALMEIDA, 2011).

Gráfico 3: Forma de armazenamento das sementes

Forma	Quantidade
Em garrafa plástica	15
Em sacos	3
Em potes	2
Outros	4
Não armazena sementes	3

Fonte: Elaborada pela equipe do projeto a partir dos dados coletados na pesquisa, 2019.

A partir do gráfico 3 observamos que os agricultores, em sua maioria, têm como tradição armazenar as sementes em garrafas pets e mantê-las em suas próprias casas. As embalagens descartáveis são também uma forma de preservação do meio ambiente, pois estão reciclando um material poluente e que degrada a natureza. Além disso, as garrafas, sacolas e potes utilizados são mais acessíveis na área rural, pois facilitam o transporte das sementes em motos ou bicicletas pelos agricultores.

Nota-se que há entre alguns agricultores assentados, a prática da seleção e armazenagem de sementes, bem como a troca de sementes e mudas entre vizinhos e amigos. Conforme Gofi (2017) afirma, um dos principais fatores que contribuem para o bom funcionamento do Banco Comunitário de Sementes é a circulação de sementes entre os agricultores participantes (GOFI, 2017, p. 84). Então na primeira fase do projeto identificamos as redes de circulação de sementes entre os assentados.

Normalmente os agricultores realizam a troca de sementes, mas nem todos os entrevistados identificaram a prática como troca, e sim como “dar” e “ganhar” sementes. Nas aplicações dos questionários, foi possível notar que esta ação ocorre não apenas por meio de sementes, mas também de mudas e ramas. Do total de entrevistados, 70% afirmaram realizar a troca de sementes e/ou mudas., conforme indicado pelas tabelas 2 e 3.

Tabela 2: Agricultores que “ganham” sementes

	Quantidade
Ganham sementes	19

	Quantidade
Não ganham sementes	8
Total	27

Fonte: Elaborada pela equipe do projeto a partir dos dados coletados na pesquisa, 2019.

Tabela 3: Agricultores que “dão” sementes

	Quantidade
Dão sementes	21
Não dão	6
Total	27

Fonte: Elaborada pela equipe do projeto a partir dos dados coletados na pesquisa, 2019.

Para compreender a noção de reciprocidade aqui presente, é fundamental conhecer a noção de dom de Marcel Mauss, qual seja: a troca é uma dádiva, e essa dádiva é fundamentada no caráter voluntário, livre e gratuito do ato de dar, receber e retribuir (MAUSS, 1974). Para o autor, a reciprocidade está embasada na dádiva, no ato de dar, receber e de retribuir, o que forma uma ação de cooperação, uma ajuda mútua, fortalecendo a confiança e os laços, além disso, a dádiva enriquece os valores não só econômicos, mas sociais.

Diante desses dados e das questões relacionadas aos objetivos centrais da pesquisa, a começar pela identificação das redes de troca de sementes entre os assentados, foi possível identificar que os agricultores ganham e dão sementes por um grupo circunscrito de amigos, familiares e vizinhos. Desse modo, podemos afirmar que a troca de sementes - empregada aqui

como uma categoria analítica reflete relações sociais mais próximas e íntimas, tal como apontado pelo trabalho de Gofi (2017), ilustrada no gráfico 4.

Gráfico 4: Troca de Sementes

Grupo	Quantidade
Vizinhos	12
Amigos	1
Não troca	13
Não soube/não respondeu	1

Fonte: Elaborada pela equipe do projeto a partir dos dados coletados na pesquisa, 2019.

O ponto positivo das casas de sementes está diretamente relacionado ao cultivo de sementes, que historicamente sempre esteve associado ao trabalho feminino. A circulação de variedades crioulas é comum entre famílias que desenvolvem a agricultura familiar. Através dos dados obtidos no assentamento, foi possível identificar as sementes que mais são cultivadas pelos assentados. É perceptível no gráfico 5 que as sementes de milho e abóbora aparecem em grande quantidade, a justificativa que recebemos é que são as melhores sementes do roçado, além disso, é possível cultivar suas sementes, o que diminui a compra de sementes dessas espécies.

Gráfico 5: Sementes mais cultivadas no assentamento

Semente	Percentual
Milho	39,10%
Abóbora	32,60%

Semente	Percentual
Banana	8,70%
Aipim	6,50%
Alface	4,30%
Couve	4,30%
Não souberam responder	4,50%

Fonte: Elaborada pela equipe do projeto a partir dos dados coletados na pesquisa, 2019.

O Brasil é um dos países que mais exporta grãos no mundo, destacando-se nas importações de soja, milho e algodão. É importante ressaltar que na gestão do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, houve um grande aumento no investimento da agricultura familiar em relação aos governos anteriores. Cerca de 4.150.000 (85%) de um total de 4.900.000 estabelecimentos correspondem ao setor familiar e camponês. Já ao setor patronal, esse número cai para cerca de 550.00 estabelecimentos, correspondendo a apenas 12%. A agricultura familiar detém de 38% da produção agrícola nacional e assume 75% da população ativa agrícola. Entretanto, apoia-se somente no benefício de 30% da superfície agrícola e 25% dos financiamentos públicos destinados ao conjunto do setor (IBGE,1996; FAO-Incra, 2000).

Através dos dados categóricos adquiridos, identificamos quais são as sementes, mudas e ramas mais comuns na vizinhança, quais são mais utilizadas para plantação e quais os assentados gostariam de obter. Comparando os quadros a seguir, pudemos notar que os produtos adquiridos pelos assentados são também desejados pelos seus vizinhos. Inclusive, foi através desses dados que identificamos as sementes, mudas e ramas que são mais eficazes no roçado dos agricultores.

Quadro 1: Sementes, mudas e ramas mais comuns na vizinhança

Agricultor 1: milho, abóbora, quiabo	Agricultor 15: milho, banana
Agricultor 2: banana, hortaliças	Agricultor 16: milho, quiabo, aipim
Agricultor 3: milho, quiabo, salsinha	Agricultor 17: milho, banana, quiabo
Agricultor 4: milho, abóbora	Agricultor 18: milho, banana, aipim
Agricultor 5: acerola, jenipapo	Agricultor 19: sergipano
Agricultor 6: banana	Agricultor 20: Não soube ou não respondeu
Agricultor 7: banana	Agricultor 21: abóbora, aipim
Agricultor 8: milho, banana	Agricultor 22: milho, abóbora, feijão
Agricultor 9: milho, abóbora, banana, quiabo, pimentão	Agricultor 23: abóbora, milho
Agricultor 10: Napier, pasto para gado, brizantha	Agricultor 24: milho, abóbora
Agricultor 11: milho, abóbora, banana, quiabo	Agricultor 25: milho, abóbora, quiabo
Agricultor 12: milho, banana, quiabo, cana, mamão	Agricultor 26: banana, tomate, pimentão
Agricultor 13: milho, abóbora, aipim	Agricultor 27: milho, abóbora, quiabo
Agricultor 14: milho, abóbora, banana	

No que se refere ao cultivo, os agricultores relatam que além de ser uma forma de aumentar sua produção, é também um modo de evitar a compra de sementes. Olanda (2015) diz em sua dissertação que a “substituição das cultivares tradicionais por cultivares modernas, antes os híbridos, hoje os transgênicos” (p.39-40) modifica o modo de cultivo das famílias agrícolas, uma vez que adotam o conhecimento milenar de seleção de sementes, o qual concentra-se, principalmente, na produção em larga escala, desprezando a conservação do meio ambiente e a qualidade dos alimentos. (OLANDA,2015)

Quadro 2: Sementes, mudas e ramas mais cultivadas pelos assentados.

Agricultor 1: abóbora, milho, baianinha, pescocinho	Agricultor 15: milho, abóbora, banana
Agricultor 2: milho, alface	Agricultor 16: milho
Agricultor 3: Não soube ou não respondeu	Agricultor 17: abacate, seriguela, laranja
Agricultor 4: Todas que possui	Agricultor 18: milho, abóbora
Agricultor 5: milho, abóbora, alface, couve	Agricultor 19: milho, abóbora, quiabo, jiló, tomate, pimentão, beterraba
Agricultor 6: milho, capim	Agricultor 20: mostarda
Agricultor 7: abóbora, quiabo	Agricultor 21: milho, abóbora, aipim
Agricultor 8: abóbora	Agricultor 22: abóbora, milho, quiabo
Agricultor 9: Não soube ou não respondeu	Agricultor 23: abóbora, milho, hortaliças
Agricultor 10: abóbora, abacate, manga, limão, banana, graviola, laranja	Agricultor 24: milho e abóbora
Agricultor 11: milho	Agricultor 25: milho
Agricultor 12: milho, abóbora, quiabo, banana	Agricultor 26: alface, couve, abobrinha, salsinha, tomate, pimentão, pimenta malagueta
Agricultor 13: milho, abóbora, aipim, banana, feijão	Agricultor 27: milho, abóbora
Agricultor 14: abóbora, milho, aipim, cana	

A circulação de variedades crioulas é comum entre famílias que desenvolvem uma agricultura de base tradicional, mas também ocorre entre outras famílias agricultoras. (OLANDA, 2015). Observando e comparando o nosso levantamento de dados, constatamos que as sementes, mudas e ramas mais adquiridas e cultivadas pelos assentados, são desejadas pelos seus vizinhos.

Quadro 3: Sementes, mudas e ramas desejadas pelos assentados.

Agricultor 1: frutíferas	Agricultor 15: milho, feijão
--------------------------	------------------------------

Agricultor 2: laranja	Agricultor 16: Não soube ou não respondeu
Agricultor 3: acelga	Agricultor 17: Não soube ou não respondeu
Agricultor 4: Não soube ou respondeu	Agricultor 18: cana, abacaxi
Agricultor 5: chia, caqui	Agricultor 19: abóbora, café
Agricultor 6: Não soube ou não respondeu	Agricultor 20: chuchu
Agricultor 7: frutas (caqui)	Agricultor 21: feijão
Agricultor 8: Não soube ou não respondeu	Agricultor 22: Não soube ou não respondeu
Agricultor 9: pimentão, quiabo, milho	Agricultor 23: Não soube ou não respondeu
Agricultor 10: Sorva para animais, aipim	Agricultor 24: flores
Agricultor 11: pêssego	Agricultor 25: melancia, berinjela
Agricultor 12: milho catete	Agricultor 26: laranja, limão
Agricultor 13: soja	Agricultor 27: quiabo, graviola, manga, laranja
Agricultor 14: frutas (maçã, laranja, limão, manga)	

Apesar da grande quantidade de sementes, mudas e ramas em circulação, a produção rural em Campos não garante a sustentabilidade das famílias, alguns agricultores contam que não é possível sobreviver apenas com o que plantam, justamente por terem que separar - semanal, mensal, ou anualmente - uma quantia de dinheiro para comprar as sementes. No gráfico 6, vemos que a frequência em que os agricultores compram as sementes.

Gráfico 6: Frequência da compra de sementes

Frequência	Quantidade
Semestral	6
Mensal	5
Anual	5

Frequência	Quantidade
Trimestral	1
Não compram sementes	7
Não souberam/responderam	3
Total	27

Fonte: Elaborada pela equipe do projeto a partir dos dados coletados na pesquisa, 2019.

No gráfico a seguir, observa-se que dentre os 27 entrevistados, apenas uma pessoa não comercializa o fruto de seu trabalho. Em sua dissertação, Parra Filho (2015) mostra que os agricultores orgânicos preferem realizar suas vendas indiretamente, se especializando em poucos produtos.

Gráfico 7: Comercialização do que planta

Resposta	Quantidade
Sim	26
Não	1

Fonte: Elaborada pela equipe do projeto a partir dos dados coletados na pesquisa, 2019.

Sob a perspectiva de Barbosa (2014), a comercialização desses produtos “asseguram a conservação de recursos naturais e a produção de alimentos ‘limpos’, juntamente com a articulação de novas redes de distribuição e consumo de alimentos, são condições indispensáveis para garantir o acesso a alimentos de qualidade a todos.” (BARBOSA, 2014, p.35).

“Assim, os sistemas de produção se aproximaram da lógica da produção e comercialização convencional, com foco em maior eficiência técnica e econômica em detrimento de maior eficiência ecológica e diversidade cultural.” (ABREU et al., 2012 apud PARRA FILHO, 2015, p.52)

Além da agricultura, os agricultores do assentamento realizam outras atividades que também complementam a renda familiar, são elas: possuem vaca para produção doméstica de laticínios, criação de galinha, produção de doces de compota, produção de mel, etc.

“O grupo doméstico como unidade de consumo e de produção, deve produzir tanto valor de uso quanto renda monetária, não só para reproduzir sua força de trabalho, mas reproduzir sua família, “a articulação necessária entre a produção de valores de uso e de mercadorias – inclusive força de trabalho - é o princípio organizador básico do grupo doméstico, através de seus papéis (sic) centrais” (WOORTMANN, 1983 p. 73 apud OLANDA, 2015, p.58-59).

Isto é, os agricultores além de se comprometerem com as atividades do roçado contribuindo na multiplicação de variedades crioulas e garantindo o cuidado com o meio natural, desenvolvem outras atividades para o sustento da família, pois, apesar da grande quantidade de alimentos produzidos, há despesas como: luz, internet, vestimentas, etc. A próxima tabela mostra que 77% dos assentados optaram por atividades extras. Desse modo, a promoção de políticas públicas e sociais por parte da prefeitura local fomenta uma discussão de extrema importância. É preciso que haja cautela, incentivo e atenção na reprodução social e econômica deste grupo, principalmente na parte de escoamento desta produção. É sabido que há algumas iniciativas públicas que viabilizem a agricultura tradicional local, como por exemplo, no que tange à compra dos produtos para a merenda escolar, mas é um processo que precisa estar em constante valorização.

Tabela 4: Atividade complementar

	Quantidade
Sim	18

	Quantidade
Não	9
Total	27

Fonte: Elaborada pela equipe do projeto a partir dos dados coletados na pesquisa, 2019.

Ademais, a questão principal dos questionários foi elaborada para identificar a disposição dos agricultores em participar do banco comunitário de sementes. Para a felicidade da equipe e segundo os dados desse survey, 100% dos assentados estariam dispostos a participarem, ou seja, os 27 mostraram-se a favor do banco. Por conseguinte, é importante salientar a potencialidade do BCSs como uma fonte de autonomia camponesa, tendo em vista este permite “que os agricultores familiares camponeses diminuam a necessidade de uso de insumos externos à propriedade” (PEREIRA, 2017, p. 92). Na comunidade pesquisada, isso se mostrou necessário, uma vez que 70% dos entrevistados afirmaram ter que dispor de recursos para a aquisição de sementes.

Para entender o funcionamento de um banco de sementes, vale se ater para o fator principal de gerenciamento: a família camponesa. No trabalho de Garofolo é possível identificar os processos de organização e gerenciamento do banco

Banco comunitário de sementes é uma organização de grupos de agricultores familiares que se associam espontaneamente e têm o direito a empréstimos de certo volume de sementes. Após a colheita, a quantidade recebida antes do plantio é ou não acrescida de “juros” e devolvida ao banco, segundo as regras definidas pelos associados. Este sistema assegura que cada família produza e beneficie sua semente, destinando parte da produção para um estoque comunitário gerenciado coletivamente. (GAROFOLLO, 2017, p. 47).

Tal como no trabalho de Garofolo (2017), Gofi considera a família camponesa como protagonista de todo o processo de produção e manutenção das sementes. A definição de agricultura familiar com a qual a autora trabalha atribui a esta as seguintes características:

a gestão é realizada pelos proprietários dos estabelecimentos; estes estão ligados entre si por laços de parentesco; O trabalho é feito pela família; o patrimônio e a gestão são repassados de geração a geração; todos vivem no estabelecimento. (GOFI, 2017, p. 47)

Segundo Gofi, os membros da família, no modelo de produção da agricultura familiar, operam em uma lógica “organizada em torno de saberes e valores capazes de assegurar a produção e reprodução dos estabelecimentos” (GOFI, 2017, p. 47). Uma vez que a partilha generalizada da terra entre todos os filhos e filhas pode levar a sua fragmentação - de modo que esta se torna inapropriada para a atividade agrícola - é comum que apenas um dos filhos homens receba a herança da terra, o qual será responsável por dar continuidade ao patrimônio familiar. Na coleta dos dados, observamos que 82% dos assentados recebem ajuda de parentes e amigos.

Gráfico 8: Assentados que recebem ajuda no roçado

	Percentual
Recebe ajuda de amigos e familiares	82%
Não recebe ajuda ou não respondeu	18%

Fonte: Elaborada pela equipe do projeto a partir dos dados coletados na pesquisa, 2019.

É importante destacar que processo de sucessão familiar e o compartilhamento de terra não se adequa perfeitamente ao modelo de campesinato da reforma agrária, no qual a partilha e a sucessão da terra não são permitidas, uma vez que este se opõe a ideia de propriedade

privada. O modus operandi do modelo de campesinato da reforma agrária no Brasil pode ser resumido da seguinte forma: uma parcela de terra é concedida a uma família pelo INCRA, tendo por exclusiva finalidade a exploração agrícola. O repasse ou transferência de uma parcela geralmente acontece com pessoas da região que manifestem interesse de produzir naquela terra. Desse modo, o fator que legitima o acesso à terra no modus operandi da reforma agrária é o trabalho (MICAÉLO, 2016).

“(...) o modo de vida camponês é uma expressão de resistência ao processo de capitalismo e uma forma de resistir ao capitalismo, uma vez que a terra é utilizada também como meio de produção de bens para comercialização. Encontramos na economia camponesa alguns aspectos intoleráveis ao capitalismo como a troca e a reciprocidade.” (BARBOSA, 2014, p.33)

Um achado importante para o projeto foi a dissertação de mestrado da Barbosa (2014), na qual a autora faz um esclarecimento a respeito da implementação e gestão das casas comunitárias de sementes.

Para a implantação das casas de sementes geralmente são realizados os seguintes passos: a) Identificação dos motivos que levavam a organização de uma casa de sementes comunitária; b) Reunião comunidade/associação comunitária camponesa com objetivo de criação a casa de semente comunitária, c) Implantação de um roçado comunitário; d) Discussão da forma de gestão da casa de semente comunitária, e) Escolha do tipo de sementes que a comunidade mais necessita f) Escolha das variedades de sementes na comunidade, g) Realização de assembleia específica (sic) de criação da casa de sementes e h) Registro em cartório da ata de criação para oficialização legal perante órgãos públicos, garantindo aos associados direitos como acesso a políticas públicas de salário maternidade, auxílio (sic) doença e comprovação de trabalho rural para camponeses (as) quando necessitarem de aposentadoria. (BARBOSA, 2014, p. 39)

Sobre o roçado comunitário, citado entre os passos de implementação de uma casa de sementes, este consiste em um espaço de plantio coletivo no qual os sócios de uma casa de sementes podem cultivar alimentos, tendo por principal objetivo a produção de sementes.

Segundo Barbosa, essa prática viabiliza a ampliação do estoque comunitário de sementes. Após a realização desses passos, a autora afirma que deve ser feita a sensibilização da comunidade para a associação e cadastro na casa de sementes. São exatamente os associados os responsáveis pela formulação das regras da casa, entre as quais deve conter, por exemplo, a quantidade de sementes que cada participante deverá depositar para a construção do estoque inicial, a quantia de sementes que poderá ser emprestada, o valor da devolução do empréstimo ao banco, entre outras regras.

Barbosa (2014) ainda reforça a importância da participação de mulheres e jovens na administração da casa de sementes, justificando que é importante o reconhecimento das mesmas enquanto profissionais agrícolas e autônomas.

“A participação das mulheres e jovens como sócios/as da casa de sementes tem especial importância, pois além de contribuir para sua autonomia, é um instrumento de comprovação da sua profissão agrícola. Quem participa de qualquer casa de sementes ou da Rede de Intercâmbio (sic) de Sementes tem o compromisso agroecológico de preservar o meio ambiente, respeitar a natureza, não utilizar agrotóxicos ou adubos químicos, envolver as famílias no processo de produtivo e preservando as nascentes e beiras de rios especialmente.” (BARBOSA, 2014 p.41)

Para um bom funcionamento do banco é fundamental que o grupo responsável pela organização tenha um nível mínimo de confiança e bom relacionamento com os participantes da comunidade. É importante que antes da implementação seja definido o local que servirá como

banco, uma forma de garantir segurança e apoio dos colaboradores, é construindo o banco em um lugar estratégico para todos, de fácil acesso. Inclusive, investir em um local espaçoso e em boas condições sanitárias e de armazenagem, reforça a segurança das sementes e de dos assentados.

Concluimos então que a implementação de um Banco Comunitário de sementes no assentamento Oziel Alves é imprescindível tanto para desenvolver metodologias de como gerir o espaço, o solo e as sementes, quanto para garantir a segurança alimentar dos agricultores locais. Consideramos que as parcerias estabelecidas e o material de apoio que coletamos fazem parte da etapa principal para a efetivação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste projeto é a implementação do Banco Comunitário de Sementes, o qual não foi possível realizar pela pandemia de COVID-19 que está paralisando o país desde março de 2020. Contudo, ressalvo que o estudo realizado nesses 12 meses de pesquisa foi possível abranger todas informações necessárias para a implementação com êxito do banco no assentamento, visto que detemos em nosso banco de dados as sementes, mudas e ramas em circulação e a forma pela qual estão circulando, sendo pela troca ou doação. No que se refere a questões do solo; forma correta de armazenagem das semente; cultivo e multiplicação das sementes, percebe-se que são pontos importantes para a realização do banco e como mostramos no início, o núcleo já conta com o auxílio de um agente experiente em sementes da ANA

(Articulação Nacional de Agroecologia) e outros dois especialistas da área de produção vegetal e da engenharia agrônoma da UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro).

Dessa forma, as atividades previstas no assentamento permanecerão as mesmas, visto que reunimos uma quantidade eficaz de recursos para auxiliarem no processo. Além disso, a disposição dos assentados em construir o banco é um dos resultados que reafirmam a possibilidade de concluirmos o nosso trabalho no Oziel Alves, 100% dos entrevistados se dispuseram e se propuseram a participar e se envolverem com o banco.

Efetivamente, o trabalho com as mulheres locais, considerando o aspecto de gênero, se manterá como uma meta essencial do projeto, dado que é de extrema importância que elas se reconheçam como protagonistas do meio rural e principalmente do banco de sementes. É importante incluir as mulheres nas atividades produtivas, pois, geralmente, no contexto da agricultura, o trabalho é associado ao homem.

“(…) é atribuída às mulheres a descoberta da agricultura, que segundo nos contam os relatos dos povos antigos jogavam ao redor de suas moradias sementes retiradas dos frutos colhidos nas matas, com isso nasciam plantas que até então não existiam ali... é mais provável que tenham sido as mulheres que primeiro enterraram sementes no solo e iniciaram a doma dos animais jovens, alimentando-os e tomando conta deles, como faziam com seus filhos. As mulheres começaram a perceber a capacidade de germinação e, a partir deste fenômeno, a possibilidade de "concentrar" a produção dos alimentos.” (BARBOSA, 2014, p.29)

O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) vem incentivando e inserindo as mulheres do campo nas esferas públicas e políticas através de oficinas, onde os debates principais se inclinam sobre o papel da mulher enquanto indivíduo; a socialização e trocas de

experiências, isso inclui, principalmente, a produção, multiplicação, preservação e o melhoramento de sementes crioulas. No artigo dos autores Adão, Stropasolas e Hötzel (2011), é relatado que o roteiro destas atividades é “constituído de forma que se permita a identificação de todos os envolvidos por meio de um processo dialógico para construção de significados coletivos, com o intuito de se pensar e repensar as ações cotidianas, promovendo novas formas de agir no e com o mundo.” (ADÃO; STROPASOLAS; HÖTZEL, 2011, p.174)

Compreende-se, então, que a agricultura familiar é uma ocupação que visa resguardar o patrimônio da família camponesa através do saber, este é construído pelas ações cotidianas com a terra e com a família. São os valores em que a vida do agricultor familiar vem a somar com a natureza e direcionar suas práticas produtivas e sociais (GOFI, 2017). Desse modo, os processos tradicionais utilizados para a seleção de sementes crioulas é um saber cultural, perpassado e aprendido de quem as produz para quem as cultiva.

“As famílias guardiãs de sementes crioulas vêm cumprindo um papel de fundamental importância. Montam seus reservatórios de sementes referenciados em suas tradições. Com sistemas produtivos específicos, atua na comunidade constituindo contextos sociais, através de relações como a reciprocidade, socializa sementes, produto de seus trabalhos e do conhecimento associado a elas. Sementes estas que circulam livres, que possuem sabores e aromas, com significado diferente, dependendo do contexto em que a comida é preparada e consumida.” (OLANDA, 2015, p.68)

Logo, reitero a importância do Banco Comunitário de Sementes no assentamento Oziel Alves, uma vez que a guarda de sementes crioulas e os agricultores familiares significam resistência ao processo de erosão cultural e genética, em épocas de hegemonia da agricultura moderna, enquanto alternativa de vida e de relação social e com o ambiente natural. O modo de

vida estabelecido aqui não busca a acumulação e concentração de riquezas, mas sim garantir sua reprodução social, econômica, familiar e cultural.

BIBLIOGRAFIAS

ADÃO, N. M. L; STROPASOLAS, V. L; HÖTZEL, M. J. “Movimento de mulheres camponesas e semeadura de novas perspectivas: os significados da (re)produção de sementes crioulas para as mulheres no oeste catarinense”. Revista Internacional Interdisciplinar. Florianópolis: Interthesis, v. 8, n. 2, 2011.

BARBOSA, Mônica de Moura. Casas de sementes comunitárias: estratégias de resistência e manutenção da vida camponesa. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.

GAROFOLLO, Ana Cristina Siewert; AIER, Julieta Teresa de Oliveira. Programa Banco Comunitário de Sementes de Adubos Verdes: trajetória e conquistas no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Espacios, Caracas, Venezuela, v. 39, n. 41, p. 22. 27 maio 2018.

GAROFOLLO, Ana C. S. Programa Banco Comunitário de Sementes de Adubos Verdes: possibilidade de geração de capital social no estado do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola) - Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2017.

GOFI, Rosicleide. O processo de sucessão familiar em famílias guardiãs de sementes crioulas: estudo de caso no município de Anchieta/SC. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Florianópolis, 2017.

LANGBECKER, Tatielle Belem. Trabalho de gênero: mulheres na atividade pecuária familiar no município de Encruzilhada do Sul/RS. Porto Alegre, 2016. 176 f. Dissertação (mestrado) -

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2016.

La Via Campesina; GRAIN. Leis de Sementes que Criminalizam Camponeses e Camponesas: Resistência e Luta. 2015.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. Sociologia e antropologia. São Paulo: EDUSP, 1974. v.2, p. 49-209.

MICAELLO, Ana Luísa. Essa Terra que Tomo de Conta: Parentesco e Territorialidade na Zona da Mata de Pernambuco. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016.

OLANDA, Rosemeri Berguenmaier. Famílias guardiãs de sementes crioulas: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade. 2015. 155f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS. 2015.

PARRA FILHO, Antônio Carlos Mendes. Sementes orgânicas: regulamentação, políticas públicas, produção comercial e uso de sementes locais em estabelecimentos certificados. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal de São Carlos, 2015.

PEREIRA, Viviane Camejo. A conservação das variedades crioulas como prática de agricultores no Rio Grande do Sul. 2017. 336f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em

Desenvolvimento Rural. Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

QUEIROGA, Vicente de Paula; SILVA, Odilon Reny Ribeiro Ferreira da; ALMEIDA, Francisco de Assis Cardoso (ed.). TECNOLOGIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR: bancos comunitários de sementes. Campina Grande: Centro Nacional de Pesquisa de Algodão, 2011. 157p.

SILVA, Kathleen. - Banco Comunitário De Sementes Crioulas Com Enfoque Agroecológico. 2018. 67f. TCC (Graduação). Curso De Agronomia - Centro de Ciências Rurais - Universidade Federal de Santa Catarina Campus de Curitibanos - Santa Catarina, 2018.

Em Anexo: Levantamento bibliográfico de teses, dissertações e artigos utilizado pelo núcleo até o presente momento da pesquisa:

AGNE, Chaiane Leal. Agroindústrias rurais familiares e a rede de relações sociais nos mercados de proximidade na região Corede Jacuí Centro/RS. Porto Alegre, 2010. 164 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2010.

ALVES, Luciene Andrade. Transformações no espaço agrário paraibano: práticas agroecológicas e luta pela soberania alimentar das Guardiãs das Sementes da Paixão do Polo da Borborema. 2018. 140 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

BARBOSA, Ana Alves Neta. Mulheres na agricultura familiar no semiárido norte-mineiro: divisão social do trabalho e gênero no projeto Jaíba. 2013. 223 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2013.

BARBOSA, Mônica de Moura. Casas de sementes comunitárias: estratégias de resistência e manutenção da vida camponesa. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.

BENVEGNÚ, Vinícius Cosmos. As sementes do lugar: políticas locais e desenvolvimento rural no Rio Grande do Sul meridional. 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2017.

CRUZ, Rodrigo Pennutt da. Assentado e assentados: formas de diferenciação entre agricultores no Projeto de Assentamento Che Guevara (Campos dos Goytacazes/RJ) / Rodrigo Pennutt da Cruz. –2013.132 f.

ELSTE, Fábio Dias Ribeiro. Os Guardiões de semente no Passo do Lourenço, Canguçu-RS: a semente crioula e o habitus do camponês. 2017. 148f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

FIDELIS, Lourival de Moraes. Família, trabalho e terra: sementes da autonomia na agricultura em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira paranaense. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Agrícola, Campinas, 2015.

FIGUEIREDO, C. M. Cultivando identidades: a semente crioula e a invenção do camponês na "Campanha das Sementes do MST". Dissertação (Mestrado em)- Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

GAROFOLLO, Ana Cristina Siewert; AIER, Julieta Teresa de Oliveira. Programa Banco Comunitário de Sementes de Adubos Verdes: trajetória e conquistas no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Espacios, Caracas, Venezuela, v. 39, n. 41, p. 22. 27 maio 2018

GOFI, Rosicleide. O processo de sucessão familiar em famílias guardiãs de sementes crioulas: estudo de caso no município de Anchieta/SC. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Florianópolis, 2017.

GRÍGOLO, Serinei César. A renovação das estratégias de lutas na agricultura: o caso das festas das sementes crioulas no sul do Brasil. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós Graduação em Extensão Rural. Santa Maria, 2016.

HERNÁNDEZ, Carmen Osório. Política de crédito rural com perspectiva de gênero: um meio de “empoderamento” para as mulheres rurais?. Porto Alegre, 2009. 248 f. Tese (Doutorado em

Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009.

LANGBECKER, Tatielle Belem. Trabalho de gênero: mulheres na atividade pecuária familiar no município de Encruzilhada do Sul/RS. Porto Alegre, 2016. 176 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2016.

LIMA, Márcia Maria Tait. Elas dizem não! : Mulheres camponesas e resistências aos cultivos transgênicos no Brasil e Argentina. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

LIMA, Sandra Aparecida Kitakawa. Agricultura familiar, sustentabilidade e desenvolvimento: um estudo sobre os avanços, dilemas e perspectivas da UNAIC-União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu (RS). Porto Alegre, 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009.

MAURO, Ana Luísa Sertã Almada. Seguindo sementes: circuitos e trajetos do artesanato Sateré-Mawé entre cidade e aldeia. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

MELLO, Márcio Antonio de. Sementes que brotam da crise: inovação e produção de novidades na agricultura familiar do Oeste de Santa Catarina. Porto Alegre, 2009. 298 f. Tese (Doutorado

em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009.

MICAELLO, Ana Luísa. Essa Terra que Tomo de Conta: Parentesco e Territorialidade na Zona da Mata de Pernambuco. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016.

OLANDA, Rosemeri Berguenmaier. Famílias guardiãs de sementes crioulas: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade. 2015. 155f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS. 2015.

PARRA FILHO, Antônio Carlos Mendes. Sementes orgânicas: regulamentação, políticas públicas, produção comercial e uso de sementes locais em estabelecimentos certificados. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal de São Carlos, 2015.

PEREIRA, Lis Soares. Sementes da vida e reforma agrária popular: estratégias de (re)existência e autonomia camponesa. 2018. 106 f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018.

PEREIRA, Viviane Camejo. A conservação das variedades crioulas como prática de agricultores no Rio Grande do Sul. 2017. 336f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

RIBEIRO, W. M. Sementes crioulas: autonomia, identidade e diversidade dos grupos camponeses em Orizona e Vianópolis - GO. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

SILVA, Kathleen. - Banco Comunitário De Sementes Crioulas Com Enfoque Agroecológico. 2018. 67f. TCC (Graduação). Curso De Agronomia - Centro de Ciências Rurais - Universidade Federal de Santa Catarina Campus de Curitibanos - Santa Catarina, 2018.

SILVA, Tiago Moraes. Dinâmicas demográficas e ocupacionais e a reprodução social da agricultura familiar: um estudo de caso no município de Praia Grande – SC. Porto Alegre, 2011. 218 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2011.

TESCHE, Rubens Wladimir. As relações de reciprocidade e redes de cooperação no desempenho socioeconômico da agricultura familiar: o caso dos produtores de leite do município de Sete de Setembro/RS. Porto Alegre, 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2008.

WEDIG, Josiane Carine. Agricultoras e agricultores à mesa: um estudo sobre campesinato e gênero a partir da antropologia da alimentação. Porto Alegre, 2009. 166 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009.

WOORTMANN, Ellen F. Espaços de Gênero, Casa e Gestão alimentar: contexto rural teuto-brasileiro. In: Menasche, Renata. (Org.). Saberes e Sabores da Colônia. 1ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2015, v. 1, p. 267-284. Porto Alegre, 2015.

WOORTMANN, Ellen F.; HEREDIA, Beatriz Alasia de (Org.); MENASCHE, Renata (Org.). Margarida Alves - Coletânea sobre estudos rurais e gênero. 1º. ed. Brasília: MDA/NEAD, 2006. v. 1. 356p. Brasília, 2006.